

PAULO HONÓRIO: memória e espelho, incomensuráveis na representação humana

Deneval S. de Azevedo Filho
(Letras-UFES)

O narrador, por mais familiar que esse nome nos soe, de modo algum, conserva viva, dentro de nós, a plenitude de sua eficácia. Para nós, leitores, ele já é algo distante e que ainda continua a se distanciar à medida que a recepção do objeto narrado é interagida de acordo com o repertório de cada um (leitor-receptor).

Observados com certo afastamento, os traços fortes, secos e simples que constituem o narrador Paulo Honório, em *SÃO BERNARDO*, pseudo-autor que é, preponderam, ou melhor, nele se evidenciam, da mesma maneira como, num rochedo, pode surgir uma cabeça humana ou um corpo de animal para o observador que mantém a distância certa e o ângulo de visão correto. Tais distância e ângulo nos são prescritos por uma experiência que quase todos os dias temos ocasião de realizar. Como a própria vida caminha para o fim, assim também o faz a arte de narrar.

Quando em *SÃO BERNARDO* Paulo Honório faz "uma divisão de trabalho", distribuindo a cada amigo, de acordo com a sua especialidade, uma função na construção do romance que iria relatar a própria vida, João Nogueira queria que o romance, escrito em língua de Camões, se formassem com períodos de trás para diante. Imaginem!

O indício mais remoto de um processo em cujo término se situa o declínio da narrativa é o advento do romance no início da Era Moderna. O que separa o romance da narrativa (e do gênero épico em sentido mais estrito) é sua dependência essencial do livro. A difusão do romance só se tornou mesmo possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da épica, tem uma natureza diferente da que constitui a existência do romance, e é a não-derivação da tradição oral que o distingue do conto de fadas, da saga e até mesmo da novela entre outros. Entretanto, isso o distingue sobretudo da ação de narrar. O narrador colhe o que narra na experiência própria ou relatada, e transforma-a outra vez em experiência dos que lêem sua história. O local de nascimento do romance, segundo Benjamin, é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar.

Pois bem, o narrador de *São Bernardo*, Paulo Honório, é também protagonista da história que conta. É alguém que pretende relatar sua própria vida escrevendo um romance que conterà não só a narrativa das raízes do seu drama, como também a transformação do seu texto no momento em que tudo for refletido pela experiência pós-leitura, e certamente o seu discurso terá se textualizado ao nível das circunstâncias comuns que formam o relato: um homem que é um bicho fazedor de medo, desde o momento em que rechaça os participantes do projeto de escrever o livro, passando por fatos que mostram como se deu o capitalismo selvagem, o autoritarismo, visto que narrador-autoritário, até o momento em que submete as pessoas ao seu poder duramente conquistado. Esse narrador duela em vez de conversar com o leitor.

Valendo-se de seus próprios recursos e sem indagar as vantagens materiais que o livro lhe traria, transforma-se no único autor do romance no qual poderia revelar fatos que, cara a cara, não teria coragem de revelar a ninguém.

E Paulo Honório lamenta-se só, ser imperial que se considera, mas o destino dos seres imperiais não o toca, já que é o seu próprio destino, e desafiado o destino depois tudo é destino. Por isso, exatamente, seu relato é o mais seco possível.

Não há nada que de forma mais duradoura recomende histórias à memória do que a casta concisão que as subtrai à análise psicológica. E quanto mais natural o modo pelo qual se dá, para o narrador, a renúncia ao matizamento psicológico, tanto maior se torna sua candidatura a um lugar na memória do leitor, tão mais plenamente as histórias se conformam à experiência pessoal dele.

É munida dessa perspectiva, que implica uma concepção fundamental do mundo, que a narrativa acaba superando a indiferença na escolha dos detalhes: todas as ações estão diretamente vinculadas à vida e ao processo de busca de identidade da consciência de Paulo Honório, pois há uma memória que leva a personagem da representação do guia de cego a do senhor de engenho, numa trajetória possessiva, política, desenvolvida violentamente aos olhos do leitor na dinâmica de uma re- apresentação da vida humana na plenitude de seu acontecer. É o caminho da representação artística ficcional que opta para encaminhar-se à verdade.

Assim, é trabalhado um caráter em transformação, já que não é o mesmo internamente, pois o tempo transcorrido encarregou-se de modificar-lhe a compreensão do mundo.

Paulo Honório se propõe a escrever um livro, mas não sabe explicar sua utilidade. Sente apenas que o faz por imposição psicológica, numa busca incessante de explicação para o desmoronamento da vida e do casamento, enfim, da sua desumanização.

A morte passa a ser então a sanção de tudo o que o narrador pode relatar. E Paulo Honório derivou sua autoridade da morte. Em outras palavras, a morte é a história natural a que sua história nos remete: o desvendamento gradativo que corresponde ao seu desejo simultâneo de encontrar a verdadeira Madalena, sondar-lhe as profundezas, tentar compreender-lhe as atitudes.

"COM EFEITO, SE ME ESCAPA O RETRATO MORAL DE MINHA MULHER, PARA QUE SERVE ESTA NARRATIVA? PARA NADA, MAS SOU FORÇADO A ESCREVER."

Ele busca nas diferenças o reconhecimento de sua própria pessoa e uma definição do seu ser no mundo. "Ninguém — diz Pascal — morre tão pobre, que não deixe alguma coisa." É certo que deixa também recordações. Só que estas nem sempre encontram um herdeiro. O narrador entra na posse dessa herança, e é não poucas vezes que o faz sem profunda melancolia: morto, porque não havia aproveitado nada da verdadeira vida.

Neste romance separam-se sentido e vida, e com isso o essencial e o temporal. Toda a narrativa gostaria de poder voltar o tempo, não na memória, mas no resgate do real para que se vissem emergir outras legítimas vivências metamorfoseadas.

O sentido da vida, é, na verdade, o centro em torno do qual o narrador move o romance.

Porém, a pergunta que ele faz sobre si próprio não é outra coisa senão a expressão inaugural de desorientação com que seu leitor se vê introduzido no momento em que Paulo Honório afirma, no início do romance, que um artista não pode escrever como fala. Aqui "sentido da vida", ali "moral da história": com estas senhas contrapõem-se romance e narrativa, e nelas pode-se ler o estatuto histórico totalmente distinto destas formas artísticas.

O material de que se alimenta o interesse do leitor é seco. Disse certa vez Morts Heiman que "um homem que morre aos trinta e cinco anos é em qualquer momento de sua vida um homem que morre aos trinta e cinco anos." Discutível esta frase. Unicamente porque se equivoca no tempo do verbo. Um homem que morreu aos trinta e cinco anos - assim seria a verdade a que aqui se refere - aparecerá à lembrança, em qualquer momento de sua vida, como um homem que morre aos trinta e cinco anos. A frase, neste romance, não dá sentido à vida real, mas torna-se incontestável para a vida recordada.

"Cinquenta anos! Quantas horas inúteis!..."

Tenta o narrador, então, o caminho da representação verbal, tentando com palavras uma re-presentificação, para com isso categorizar e interpretar sua experiência existencial.

Este personagem-narrador, portanto, não tem significado porque representa, talvez de maneira instrutiva, um destino, pela chama na qual é devorado, mas porque arrasta o leitor para a história na esperança de aquecer sua vida enregelada num germe que ora humaniza ora se desumaniza e que ele (leitor) vivencia a partir da sua presença nesta arquitetura ficcional, que se reflete em seus próprios atos, omissões e julgamentos.

Bibliografia

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura; uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARTINS, Wilson. **O modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1973.

MERQUIOR, José Guilherme. **Crítica**. Ensaios sobre Arte e Literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

OLSEN, Stein Haugon. **A estrutura do entendimento literário**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1986. 56a.ed.